

RECENSÃO DE LIVRO

JUVENTUDE COMO CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL

Diogo Acioli Lima

Mestre em educação pela Universidade Católica de Brasília
aciolidiogo@gmail.com

Savage, J. (2009). *A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX*. Rio, Rocco.

A adolescência e, até certo ponto, a juventude emergiram histórico-socialmente como períodos de transição entre a infância e a plena idade adulta, demarcadas muitas vezes por algum tipo mais ou menos formal de rito de passagem. Na atualidade, este processo pode variar de acordo com a cultura, estado econômico, político, intelectual dentre outros aspectos (Taille e Menin, 2009: 22). A agitação e o crescimento das cidades iluminaram o período da adolescência, e fica nítido que as estufas de concreto tende a amadurecer tudo e todos bem antes do tempo “natural”. Desse modo, como o ser humano é criador de cultura, apesar da base biológica, os conceitos de infância, adolescência e juventude são tecidos historicamente, no tempo e no espaço, podendo variar ou inexistir, dependendo das circunstâncias. Este processo de configuração histórica do *teenage* é o que Savage descreve e analisa, com base na documentação da mídia na Alemanha, França, Estados Unidos e Reino Unido. Como profissional das ciências da comunicação social, o autor destaca que esta última foi precisamente um dos motores da construção dos conceitos de adolescência e juventude, tais como os conhecemos. A crescente exploração do consumo, visando ao crescimento econômico, depois que o capitalismo esgotou as demandas correntes, se associa, portanto, ao financiamento dos meios de comunicação de massa, que despertam novos padrões de consumo conforme a faixa etária. Esta união de forças atua ao mesmo tempo como espelho e fator da identificação de adolescentes e jovens, estabelecendo novos padrões de consumo, por meio dos quais se exerce o seu novo “protagonismo”. Simultaneamente, a veiculação das características dos jovens e adolescentes pela comunicação de massa



passa a constituir um conjunto relativamente eficaz de controle social desses grupos na sociedade de massas, levando-os a permanecer na escola por mais tempo e preparar-se para ser trabalhadores e consumidores adultos no futuro. Ora, os diversos tipos de linguagens constituem marcas por excelência da identidade dos grupos sociais, de modo que a comunicação capta, transforma e difunde uma série de formas de expressão próprias dos adolescentes e jovens, por meio da música, das imagens, da palavra falada e escrita, da dança e das tecnologias, que, por sua vez, se traduzem em bens e serviços consumíveis da indústria (sem chaminés) do divertimento. Este é o mosaico cuidadosamente montado por Savage, que descreve e explica a formação da categoria de *teenager* ao longo de décadas, do final do século XIX até o pós-guerra no Ocidente.

Com tudo isso, no contexto de acelerada urbanização do mundo, jovens e adolescentes começaram a aparecer como categorias identitárias, enquanto o aumento dos crimes gerou uma notoriedade para esta faixa etária, que parece mostrar dificuldades para seguir a ética imposta pela sociedade dos mais velhos. Neste período, localizado na segunda metade do século XIX para as sociedades urbano-industriais, muitos teóricos iniciaram uma defesa do prolongamento sancionado pela sociedade como adolescência, enfatizando que o mesmo não deveria ser tratado como um adulto, tendo direito ao repouso, lazer, artes, estudos. Em particular, o aumento da demanda educacional para os jovens abriu os olhos dos Estados Unidos para uma idade que agora representava a esperança e o futuro da nação.

Em 1900, o cenário musical, ligado quase sempre à “marginalidade”, ao protesto e aos gêneros elaborados em camadas sociais menos privilegiadas (como o *jazz*), além das drogas, assumiram em Nova Iorque um papel de suma importância no desenvolvimento da vida dos adolescentes, pois, com o avanço da indústria, o trabalho começava geralmente aos 14 anos, impedindo muitos jovens de estudar. Para Sanfelice (2007), a falta de estudo, gerada pelo trabalho, tende a aumentar a castração intelectual, facilitando a introdução de ideologias na cabeça dos jovens, muitas das quais se tornam violentas e agressivas. Pensando nesta fase, Hall questionou a conduta da educação em relação ao crescimento industrial, pois se mostravam inversamente proporcionais. Assim, este escritor tentou abrir os olhos da América para esta nova fase, que antes levava a infância até os 21 anos, mas agora enquadrando o jovem em uma nova etapa da vida e estruturando por meio deles um farol para o futuro da sociedade.



Com o desenvolver da sociedade industrial, os jovens começaram a agrupar-se de forma mais coesa, e um dos grupos mais difundidos à época era o dos escoteiros, que afirmavam lealdade ao rei, no caso do Reino Unido. Esta lealdade muitas vezes se disseminava por meio da mídia em forma de histórias em quadrinhos. A exploração comercial e a tentativa de controle por meio do consumismo podiam ser vistas de forma benigna, em relação a qualquer controle totalitário, contudo, isso causou distorções que oscilaram cada vez mais entre o hedonismo e o puritanismo. Para Shinn (2010), esta oscilação característica da modernidade pode influenciar gravemente o controle que o governo tem sobre a sociedade, pois a mídia impõe suas realidades e a dependência psíquica da massa se torna cada vez maior, facilitando e incentivando a transformação da energia da juventude em violência. A cultura de massa imposta aos adolescentes gerava novos incentivos, movidos pela música do gueto, livros e filmes, para explorarem a selvageria, que a escola tentava controlar em vão e a todo custo.

Por volta de 1914 os jovens iniciam uma revolta contra os pais, onde estes eram os progressistas e os filhos os conservadores. Este movimento se refletiu na maneira como jovem se observava na sociedade, fazendo seus pensamentos saírem da idealização cega do católico musculoso e se voltarem para dentro de si. Com uma guerra contra a Alemanha prestes a estourar, milhões de jovens influenciados pelas mídias da Inglaterra, França e Alemanha alistam-se no serviço militar. Mesmo antes do fim da guerra, o jovem idealista volta-se contra os mais velhos, fazendo com que nunca mais a obediência automática fosse efetivada. Desse modo, a Primeira Guerra Mundial contribuiu para criar e brutalizar a nova sociedade de massa da juventude.

Este acontecimento proporcionou aos jovens a sensação de liberdade da opressão do mundo adulto, fazendo da guerra um rito de passagem para a emancipação da infância. A influência americana do *jazz*, das danças e do chocolate sobre o jovem europeu surte significativos efeitos: o mundo agora prometia prazeres inimagináveis. Mas o ocorrido não foi como o esperado, os jovens que voltaram da guerra sofriam de graves doenças psicológicas e físicas, que se mantinham acobertadas, pelos governantes, para que o tratamento não ocorresse em massa e os jovens não parassem de se alistar. Surge então uma revolta contra governos opressores e totalitaristas, fazendo o jovem exigir a liberdade e rejeitando os valores dos mais velhos, dando início a um confronto de gerações.



Com isso, o jovem segue o caminho da emancipação, e a mídia americana, principalmente o cinema, inclui os tópicos necessários para isso. As tentativas de universalização do ensino médio e superior aparecem também como um marco nesta juventude, cada vez mais influenciada pelos recursos midiáticos. Por volta de 1920 esta juventude, que buscava uma autonomia de comportamentos e éticas, passou a ser vista não apenas como um mercado, e, sim, uma classe distinta.

O narcisismo e o hedonismo nascem nesta década em resposta à guerra travada pelos jovens. A fragmentação das perspectivas e os prazeres em primeiro lugar despontam como características irrefutáveis desta juventude, que nasce no pós-guerra e se desenvolve até a contemporaneidade (Lipovetsky, 2006: 18). Neste momento, os jovens sentem-se emancipados, a sedução passa a ser uma das principais armas deste grupo e a mão de ferro que governa passa a ser revestida por uma luva de prazeres, pois a nova categoria instituída, os jovens, mostra uma força social muito importante para ser deixada de lado.

Na Alemanha, a juventude se dividia e mostrava-se em crise, tinha que escolher entre o comunismo e o hitlerismo, neste caso, muitos considerando a segunda opção como menos pior. Assim, Hitler concentrou seus esforços de doutrinação na educação da juventude, aumentando o número de alistados em seu exército. Em pouco tempo, a grande minoria dos jovens abaixo de dezoito anos estava mobilizada em atividades pré e paramilitares, que desembocavam no engajamento nas forças armadas de Hitler. Ao mesmo tempo, a juventude americana embarcava em uma profunda depressão, cujo alerta foi logo percebido pela indústria do cinema, que começa a dar voz aos adolescentes. Com isso, foi formada a National Youth Administration, que visava a dar ajuda financeira aos jovens de 15 a 26 anos. Com este tipo de expressão, a juventude americana torna-se importante para o país tanto nos aspectos políticos quanto econômicos e sociais. Na, Inglaterra, apesar do alto índice de desemprego, a juventude consumia o cinema de forma compulsiva e incentivava a formação de violentos grupos de jovens. Estes, proibidos de manifestar opiniões políticas em público, terminam criando um clima de tensão maior do que todos poderiam imaginar. Na Espanha o clima com os jovens também esquentou, e se tornou um ensaio geral para outra guerra mundial.

Em 1939 a guerra estoura e, devido a uma educação rígida e muito treinamento militar, a juventude hitlerista toma gosto pela guerra, enquanto os países que se encontram em seu caminho são derrubados um a um. Em 1942, a rígida



ideologia de Hitler tinha lubrificado tão bem a máquina do Estado militarista que quase todas as loucas promessas já haviam sido cumpridas, e a próxima era Moscou. Com o estouro da guerra na Europa, os jovens não mais tinham uma concepção de futuro em suas vidas, pois alegavam que a única coisa que restava era o alistamento. Em 1943, os Estados Unidos também se encontravam em guerra, mas o inimigo se encontrava a milhares de quilômetros. Com isso, os americanos entraram de cabeça no mundo industrial, pois muitos jovens abandonavam as escolas com a intenção de trabalhar, fazendo a nação depressiva se transformar em uma força industrial próspera, com a ajuda das indústrias bélicas. Nesta perspectiva, os homens tinham a obrigação de ir à guerra e a mulher assumia os trabalhos nos meios de produção, tomando a função de muitos homens e deixando a educação da futura geração para segundo plano. Com o aumento das gangues, femininas e masculinas, a violência tomava proporções enormes e os especialistas em jovens procuravam a todo o custo canalizar esta nova independência para formas socialmente aceitas.

Por sua vez, os ingleses não sofriam apenas com a guerra: ao mesmo tempo um invasor silencioso tomava conta dos jovens. A música, o cinema e o comportamento dos americanos haviam invadido a Inglaterra e americanizado seus adolescentes. Neste tempo, o grupo rosa branca passa a divulgar ideias antinazistas por meio de pinturas e panfletos, tentando conscientizar a juventude em busca de algo melhor para a classe. Os jovens, marginalizados, começavam a se organizar em forma de grupos de adolescentes. Com isso, conceitos de liberdade emergem na consciência dos jovens, ao passo que os delicados equilíbrios entre a independência adolescente e as contribuições do mundo adulto se manifestavam para melhor caracterizar a esta etapa da vida. A palavra *teenager* aparece como uma nova descrição do jovem no mercado de massa. A intenção de se inserir no mercado de consumo não era apenas de fazer girar a economia e, sim, transformar o consumismo em um contrapeso para as rebeliões, canalizando a energia dos jovens para o ato de consumir.

Ao mesmo tempo em que o Führer travava sua última batalha contra os aliados, os alemães, que dominavam quase todo o bolo do continente, agora possuíam apenas uma fatia dele, que estava sendo devorada pelos aliados. Percebendo que a juventude hitlerista já havia sido enfeitada, na véspera de 1º de maio, Hitler se suicidou, e, seus guerreiros adolescentes e até crianças continuaram a luta por seus ideais até serem completamente massacrados. Muitos jovens só perceberam depois do suicídio de Hitler o genocídio e as barbaridades que vinham



acontecendo às cegas no seu país. A rendição da Alemanha se oficializou em 8 de maio, porém a guerra não havia acabado. Os americanos tinham invadido a Europa com a sua cultura de massa, e este domínio se confirmou com um show de música realizado na Alemanha para 40 mil recrutas. O *swing* americano estava tomando conta do mundo. Com o triunfo sobre o Japão e o fim da guerra, recomeçava um novo ciclo: em contraste com o fascismo, a cultura americana criou e espalhou pelo mundo o novo tipo de jovem, os *teenagers*, que se manifestavam primordialmente pelo consumo.

Em decorrência das armas atômicas, o homem percebeu sua fragilidade, mundanidade e finitude. Uma nova consciência globalizada surge no mundo, e se manifesta por uma ética de cuidados. Afinal, o homem percebeu depois das bombas atômicas que a tentativa de domínio mundial poderia acabar com ele mesmo. Com isso, Jonas (2006) afirma que o mundo deve ser entendido como uma casa comum a todos, onde a responsabilidade do homem de cuidar desta sua moradia passa do aspecto individual para o social, introduzindo uma ética de responsabilidade que pode se caracterizar pela prevenção e preservação das condições de vida sobre o planeta. Este é um dos frutos da revolução cultural juvenil de 1968. Consumo e desenvolvimento sustentável se tornam uma das contradições contemporâneas, assim como a necessidade de o jovem exercer papéis protagônicos, enquanto aumentam o desemprego e a pobreza juvenis. A adultez plena tende a ser adiada em função das novas condições econômicas, enquanto a adolescência se antecipa e se prolonga, como uma espécie de limbo cada vez mais extenso. No entanto, as gerações recentes, primeiro a “geração *net*”, nos anos 90, e agora as gerações *net*, tendem a modelar o mundo e as organizações, assimilando dinamicamente as novas tecnologias e, pela primeira vez, podendo ensinar os seus usos às gerações precedentes. Pela ponte intergeracional de mão dupla passam não só os usos, o como fazer, mas também novos padrões culturais construídos a partir dessas tecnologias.

Por isso mesmo, as linguagens dos jovens preocupam e assustam. Altamente permeáveis ao novo, usuários entusiastas dos renovados meios de se expressar, os jovens elaboram os seus códigos identitários, que refletem, ainda que de modo fugidio, novas cosmovisões. Não se pode compreender a fundo esses processos linguísticos e comunicacionais, que se estendem a outros campos da vida, como os relacionamentos sociais, inclusive eróticos, sem ler a obra de Savage, aqui resenhada. Enquanto a escola busca uma bússola (seria melhor o GPS) para se orientar em face das supostas invasões dos “bárbaros” nas línguas e literaturas, o dinamismo, às vezes



como lava, irrompe de grupos que as gerações adultas e idosas não conhecem bem. Como a escola “ensinará” a(s) linguagem(ns)? Como se formarão professores para as escolas? Escola e professores continuarão úteis, projetando-se no futuro? Ou seriam categorias residuais diante da emergência do presente que mal conhecemos?

Referências Bibliográficas

- Jonas, H. (2006). *O princípio da responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: PUC- Rio.
- Lipovetsky, G. (2006). *A era do vazio*. São Paulo: Manole.
- Sanfelice, J. L. (2007). O manifesto dos Educadores (1959) à luz da história. *Educação e sociedade*, 28 (99), pp.542- 557.
- Shinn, T. (2010). Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. *Science Study*, 6(1).
- Taille, Y. L. & Menin, S. D. S. (2009). *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre, Artmed.